



*UM OLHAR SOBRE ENUNCIÇÕES DE MENINAS QUE ESTÃO INSERIDAS EM
UMA ESCOLINHA DE INICIAÇÃO AO FUTEBOL NA CIDADE DE
PELOTAS/RS*

Mahina Leston Araújo¹
Rose Méri Santos da Silva²
Méri Rosane Santos da Silva³

RESUMO: O objetivo desta pesquisa foi identificar se os discursos científicos que produzem o futebol como um esporte masculino atravessam as meninas que jogam em uma escolinha de iniciação ao futebol. A pesquisa foi de cunho qualitativo, fazendo uso de entrevistas semi-estruturadas e utilizando enquanto corpus de análise enunciações emitidas por sete meninas com idade entre 9-14 anos que jogam em uma escolinha de iniciação ao futebol, na cidade de Pelotas/RS. Observou-se que os enunciados não passam despercebidos pelas entrevistadas, porém nelas não geram efeitos de verdades que institucionalizam o futebol como sendo uma prática masculina.

Palavras-chave: Futebol de mulheres. Discurso. Produção científica.

*A LOOK ON ENUNCIATIONS OF GIRLS IN A SCHOOL OF SOCCER INITIATION IN
THE CITY OF PELOTAS/RS*

ABSTRACT: The purpose of this research was to identify if the scientific discourse that produce soccer as a male sport affect the girls that play in a school of soccer initiation It was a qualitative research, using semi-structured interviews, and using as analysis corpus enunciations emitted by seven girls aged 9-14 years old who play in a school of soccer initiation in the city of Pelotas/RS. Has been identified that such enunciations don't unnoticed by them, but in them, they don't generate truths effects that soccer institutionalizes as a male practice.

Key words: Women soccer. Discourse. Scientific production.

¹ Universidade Federal Rio Grande –FURG –mahinaleston88@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas-UFPEL

³ Universidade Federal de Pelotas-UFPEL

*UNA MIRADA EN ENUNCIACIONES DE LAS NIÑAS EN UNA ESCUELA DE
INICIACIÓN AL FÚTBOL EN LA CIUDAD DE PELOTAS / RS*

RESUMEN: El objetivo de esta investigación fue identificar si los discursos científicos que producen el fútbol como un deporte masculino atravessam las niñas que juegan en una escuela de iniciación al fútbol. La investigación fue cualitativa, mediante entrevistas semi-estructuradas y utilizando mientras corpus de análisis enunciaciones emitidas por siete niñas de 9 a 14 años que juegan en una escuela de iniciación al fútbol en la ciudad de Pelotas / RS. Se observó que los enunciados no pasaron desapercibidos por las entrevistadas, pero que no generan efectos de las verdades que institucionalizan el fútbol como una práctica masculina.

Palabras -clave: Fútbol de mujeres. Discurso. Producción científica.

De maneira cultural, as características biológicas foram marcando os espaços que deveriam ser ocupados por homens e/ou mulheres no cenário esportivo, especificamente, no futebol. Por ser a mulher demarcada por um único modelo de feminilidade, esse esporte deveria passar longe de suas atividades, pois representava um espaço para os homens. Isso porque o futebol era considerado uma área masculina, de atitudes viris e agressivas, o que não era compatível com as características condizentes com essa feminilidade, a qual deveria ser atribuída funções ligadas à leveza, graciosidade, fragilidade e maternidade. Porém, com o passar do tempo, as mulheres foram se inserindo aos poucos nos espaços caracterizados masculinos e borrando essas fronteiras entre o masculino e o feminino (JAEGER, 2006).

Quando se fala sobre futebol praticado por mulheres é importante discorrer sobre a prática nessa modalidade, pois esse fato não é recente, mas uma construção de séculos e que aos poucos parece estar perdendo sua invisibilidade e demarcando seus espaços, mesmo que ainda pequenos. Porém, nesse contexto, muitos são os discursos que negam essa prática e questionam as mulheres que optam por jogar futebol. Esses fatos são identificados a partir dos enunciados encontrados em produções científicas que abordam essa temática (GOELLNER, 2003, 2005; JAEGER, 2006; MOURA, 2005).

Assim, produziu-se, enquanto problema de pesquisa, a pergunta: Será que o discurso científico, que produz o futebol como uma prática masculina, atravessa as meninas que iniciam sua trajetória em uma escolinha de iniciação ao futebol? Para responder esse questionamento, o objetivo geral desta pesquisa foi identificar se o discurso científico, que produz o futebol como um esporte masculino, atravessa as meninas que jogam em uma escolinha de iniciação ao futebol.

Foram analisadas as enunciações produzidas por meninas na faixa etária de 9 a 14 anos que jogam em uma escolinha de futebol, na cidade de Pelotas/RS, visando identificar os motivos que movem essas meninas a frequentar um espaço demarcado como masculino; e identificar se os enunciados geram efeitos de verdade nessas meninas que iniciam a prática do futebol de maneira institucionalizada.

Para materializar os discursos científicos algumas produções foram apresentadas enquanto referencial teórico

Futebol: um esporte considerado masculino

“De fato, uma abordagem sociológica, psicológica, antropológica ou histórica, necessita tomar como referência a existência de um domínio masculino hegemônico na sociedade e no futebol” (MOURA, 2005, p. 132), ou seja, tanto na vida social quanto esportiva o domínio era dos homens, pois eram espaços produzidos para eles. Com base em Reis (1998, p. 46), “os esportes modernos foram construídos culturalmente para os homens. O que significa dizer que, assim como em todos os ramos sociais, também nos esportes a mulher teve que conquistar sua participação e ganhar o seu reconhecimento”.

Como aponta Moura (2005), no Brasil, o futebol é considerado como uma área reservada masculina, sendo que

os esportes de contato (como futebol, basquetebol, handebol, futebol americano, rugby etc), que eram áreas exclusivamente dos homens, estavam ligados totalmente ao ideal masculino, arrogante e fisicamente forte, contrapondo-se ao feminino, representado como tímido, frágil e dependente (MOURA, 2005, p.137).

Porém, não se pode considerar que essa afirmação seja tomada como uma verdade ou como algo dado ou natural, pois é culturalmente que vão se produzindo afirmações sobre determinada prática. Podemos olhar os

[...] *esportes socialmente considerados masculinos* àquelas práticas esportivas que, em determinada sociedade, são reservadas aos homens. Ou seja, não são esportes que as mulheres não praticam, ou não estão adequados para elas, apenas são reconhecidos na sociedade como masculinos (SILVEIRA, 2008, p.35).

Os enunciados construídos na história: o que dizem sobre as mulheres futebolistas?

A partir de discursos é que os sujeitos vão se constituindo, ou seja, nas palavras de Veiga-Neto (2011, p. 91), “dado que cada um de nós nasce num mundo que já é de linguagem, num mundo em que os discursos já estão, há muito tempo circulando, nós nos tornamos sujeitos derivados desses discursos”. De certa forma, no cenário

futebolístico, por esse ter sido construído como um espaço masculino, os discursos que se construíram e se constroem em relação às mulheres que praticam essa modalidade acabam produzindo-as diante de um olhar da sociedade, que aceita ou não que elas se insiram em determinados meios sociais.

Veiga-Neto (2011, p.101) aponta que, “são os enunciados dentro de cada discurso que marcam e sinalizam o que é tomado por verdade, num tempo e espaço determinado, isto é, que estabelecem um regime de verdade”. Assim, é importante considerar que para analisar os discursos, deve-se inicialmente olhar para os enunciados, em que tempo e espaço social estes foram criados, escritos, construídos, produzidos. Não cabe interpretá-los e nem olhar o que está por baixo do que está sendo dito, ou já foi dito em tempos passados, mas sim olhar os enunciados no seu momento histórico (VEIGA-NETO, 2011).

Com base em algumas produções científicas, diversos são os registros apontando o início do futebol praticado por mulheres no Brasil, o que não é uma prática recente, já vem atravessando décadas de histórias ‘entre sombras e visibilidades’ (GOELLNER, 2005). Analisando tais produções, com dados referentes ao século XX, nos anos de 1930, 1940 e 1950, são encontrados relatos que fazem parte dessa história, onde são analisados documentos como jornais e revistas da época que nos permitem visualizar “[...] os vestígios e as rupturas existentes entre diferentes épocas no que tange às mulheres e o futebol no Brasil” (GOELLNER, 2005, p.144).

De acordo com Moura (2005, p.135), “[...] o papel destinado à mulher esportiva era ditado pelas normas sociais, restringindo o espaço corporal, definindo a estética a ser seguida pela esportista que até então era a ‘nova mulher’ dos tempos modernos”. Sendo assim, “[...] a prática esportiva feminina estava ligada ao critério de beleza das formas, da sutileza dos movimentos, da graça e de uma moda que estivesse ligada com uma estética compatível, dada pelas normas e valores sociais” (MOURA, 2005, p.135).

Outro argumento apontado e problematizado por Goellner (2005) referente ao incomodo causado pela prática do futebol pelas mulheres era porque se considerava que

[...] o suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionados à mulher despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina. Além disso, poderiam desestabilizar a estruturação de um espaço de sociabilidade criado e mantido sob domínio masculino cuja justificativa, para sua consolidação, assentada na biologia do corpo e do sexo deveria atestar a superioridade deles em relação a elas (GOELLNER, 2005, p.144).

O aumento da prática feminina nesse esporte fez com que leis fossem criadas para proibi-las de jogar, para que essa área dita masculina fosse mantida como tal. Foi, então, que, em 1941, o Conselho Nacional de Desportos (CND), sob Decreto-Lei nº 3.199, art. 54, proibiu que as mulheres praticassem atividades que fossem incompatíveis ao seu sexo, podendo praticar somente alguns esportes e com moderação. Somente em 1979 que esta lei foi revogada (GOELLNER, 2003).

Na tentativa de compreender o porquê dessa tensão entre futebol e mulheres, Goellner (2005, p.143) nos traz dois argumentos: “[...] a aproximação, por vezes recorrente, entre o futebol e a masculinização da mulher e naturalização de uma representação de feminilidade que estabelece uma relação linear e imperativa entre mulher, feminilidade e beleza”. Esses argumentos reforçam os discursos que privam as mulheres de jogar futebol, assim como praticar algumas outras modalidades esportivas. Seguindo por esse caminho, a autora ainda questiona que é “[...] necessário colocar em suspeição discursos dessa ordem, afinal, o que significa ‘masculinização da mulher’ num tempo onde as fronteiras entre os gêneros estão constantemente borradas?” (GOELLNER, 2005, p.143).

Penso esses discursos sobre a prática do futebol por mulheres enquanto um saber que vem produzindo efeitos na sociedade, como, por exemplo, a proibição devido aos discursos que permeiam esse cenário, fazendo com que algumas meninas não vivenciem ou têm um início tardio nessa modalidade. Isso porque tais discursos são assumidos enquanto verdades, que falam algo sobre as mulheres futebolistas, mas que aos poucos vão construindo seus espaços.

Um modo de fazer pesquisa

Esta pesquisa foi de cunho qualitativo, fazendo uso de entrevistas semi-estruturadas, como “[...] forma privilegiada de interação social [...] cada entrevista expressa de forma diferenciada a luz e a sombra da realidade, tanto no ato de realizá-la como nos dados que aí são produzidos” (MINAYO, 2008, p. 262).

Utilizou-se enquanto *corpus* de análise as enunciações produzidas por sete meninas na faixa etária de 9-14 anos, que jogam em uma escolinha de iniciação ao futebol, na cidade de Pelotas/RS. Para Foucault (2013, p.123) “a enunciação é um acontecimento que não se repete: tem uma singularidade situada e datada que não se

pode reduzir”, ou seja, elas são múltiplas. Como coloca o autor,

[...] há enunciação cada vez que um conjunto de signos for emitido. Cada uma dessas articulações têm sua individualidade espaço-temporal. Duas pessoas podem dizer ao mesmo tempo a mesma coisa; já que são duas, haverá duas enunciações distintas (FOUCAULT, 2013, p.123).

Dentro dessa perspectiva, empregou-se algumas noções operadas por autores como Rosa Fischer e Alfredo Veiga-Neto, ao trabalharem com análise do discurso em Michel Foucault. Pensando nessas noções de enunciado e enunciação se faz necessário destacar que se busca estar no nível das coisas ditas, em outras palavras, não existe algo que esteja por trás, escondido, obscuro. Sobre essa ideia, Fischer (2001, p. 221) aponta que não é investigar “[...] ‘o que está por trás’ dos textos e documentos, nem ‘o que seria dizer’ com aquilo, mas sim descrever quais são as condições de existência de um determinado discurso, enunciado ou conjunto de enunciados”.

Para produzir as enunciações foi construído um roteiro de entrevista a fim de observar quando elas iniciaram a jogar futebol, sobre o interesse delas por essa modalidade e por estarem inseridas no espaço da escolinha, sobre o conhecimento acerca do futebol feminino e os diálogos que construíam com amigos/as e familiares.

Lança-se, então, um olhar sobre as enunciações das entrevistadas, trazendo suas falas, na tentativa de identificar se esses discursos científicos atravessam essas meninas e se geram algum efeito de verdade sobre elas.

Um olhar sobre as enunciações

Levando em consideração o tempo e o espaço com que esses discursos vêm se produzindo em épocas distintas, vale pensar primeiramente sobre a inserção dessas meninas no espaço do futebol, pois mesmo que o discurso seja caracterizado como uma modalidade masculina e diante dos enunciados que levaram a sociedade a considerar tal fato como verdade, essas meninas, hoje, estão dando seus pontapés iniciais. Foucault (1979) permite entender verdade como

[...] um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados. A ‘verdade’ está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem (FOUCAULT, 1979, p.11).

Para essas meninas, em muitos casos, os enunciados são desconhecidos, passam despercebidos ou então nelas não produzem efeitos. Elas enunciam que foi algum

membro da família ou próximo quem influenciou para que iniciassem a prática na escolinha de iniciação ao futebol. E para que frequentassem esse espaço demarcado por alguns discursos como masculino, identificamos também alguns motivos que movem essas meninas para que pratiquem essa modalidade.

Entende-se que o gostar de jogar futebol, juntamente com a influência e apoio da família proporcionaram à prática, expressando abaixo essa forma de gostar de jogar futebol...

“o meu pai me contou [...] Porque eu gostava de jogar futebol [...] Falei pro meu pai e ele me colocou na escolinha [...] Ah, por causa que eu gostava desde sempre, olhava na TV e gostava” (ENTREVISTADA 1 - 30/08/2012).

“A minha mãe que falou [...] porque eu queria jogar [...] Porque eu gosto [...] Ah não sei, porque eu gosto de jogar futebol [...] eu gosto de correr [...] Não sei, desde quando eu era pequena eu gostava de jogar futebol” (ENTREVISTADA 2 - 04/10/2012).

Com um olhar sobre outros tempos, como já citados, somente o gosto pelo futebol não implicava na aprovação para que as mulheres praticassem, pois havia lei que as proibiam. Porém há produções que se remetem à prática antes da lei ser revogada. Assim,

o que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir (FOUCAULT, 1979, p.8).

Levando em consideração que, hoje, não existem leis que proibam as mulheres de jogar futebol, e o que há são enunciados tidos como verdade que percorrem essa história e que podem gerar efeitos proibitivos nas praticantes, pois

[...] a verdade não está fora do poder nem carece de poder [...]. A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a coerções múltiplas. E ela possui nele [mundo] efeitos regrados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ da verdade, isto é, os tipos de discurso que ela aceita e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros ou falsos, a maneira como se sancionam uns e outros; as técnicas que são usadas para a obtenção de verdade; o estatuto daqueles que têm a função de dizer o que funciona como verdadeiro (CASTRO, 2009, p. 423).

Pensando na prática dessas meninas e dos enunciados que giram em torno do futebol, apontou-se abaixo que, nas suas conversas com membros da família, o que se identifica é o diálogo sobre a prática do treino.

“Ah, a gente fala que só tem que melhorar, o que que eu to fazendo errado e é. [...] ele fica reclamando muito [...] Ah que, eu tenho que inventar mais [...] Porque ele diz que eu posso melhorar e ir pro profissional” (ENTREVISTADA 1 - 30/08/2012).

“A minha mãe as vezes [...] Tipo ela... ela fala que não é pra me amontoar, que é pra eu tocar a bola, tocar mais a bola” (ENTREVISTADA 7 - 04/10/2012).

Diante de conversas que as entrevistadas têm/tiveram ao longo de suas vidas sobre a prática do futebol por mulheres, observamos que há esse diálogo na sua trajetória futebolística, mas que este não está em torno dos discursos de que menina não pode jogar futebol, mas outras formas de pensar esse futebol. Também, percebe-se que quando elas buscam informações sobre a prática do futebol e o conhecimento que adquirem, as enunciações apontam para melhoria da técnica, as conquistas, a habilidade das jogadoras.

“Com as minhas primas mesmo [...] da Seleção [...] Ah e daqui quando eu joga também [...] Se tava bom o jogo, se nós ganhamos [...] vejo quando elas ganham, quando elas se machucam, ou coisa assim” (ENTREVISTADA 2 - 04/10/2012).

“Que eu faço gol, às vezes. Hã... que eu erro chute, que eu tenho que melhorar [...] Que elas são muito boas, e que um dia eu chego igual a elas [...] Que a Marta joga bem [...] Que as gurias jogam bem” (ENTREVISTADA 3 - 04/10/2012).

“Não [...] ouvi falar que... que a seleção brasileira feminina é boa [...] Que tipo assim a Marta ela... eu ouvi falar na TV que ela é uma das melhores jogadoras femininas do mundo” (ENTREVISTADA 7 - 04/10/2012).

Imbricada à prática do futebol por mulheres, encontramos enunciados que falam sobre as praticantes e que podem atravessá-las ou não. Olhando as enunciações, algumas apontaram

que já se depararam com alguns no sentido de negar a prática.

“Ah, tem uns que gostam disso, tem outros que já não gostam muito também [...] que não é legal guria jogar futebol [...] Os guris lá na nossa escola que não sabem disso, que gurias não é pra jogar, que é só os guris que pode jogar e as gurias não podem. Ai nós brigamos as vezes lá, por causa que eles não querem deixar nós jogar [...] Ah por causa que não... isso não é coisa de menina jogar futebol” (ENTREVISTADA 4 - 04/10/2012).

“Eles acham legal, por causa que é um exercíciós ótimo né, é bom. [...] Falaram que era um exercício bom, que eu ia entrar e ia ser bom também, que podia se exercitar” (ENTREVISTADA 5 - 04/10/2012).

“As minhas amigas vai falar assim: Ai tu parece um homem [E o que que tu falou pra elas?] Ah, mas eu gosto [...] E eu falei pra elas como tu é... faz cara feia e... e a metade só quase homem eu jogo faz cara feia também [Ah, e isso daí interfere na tua prática ou não?] Não [...] Quem tem que gostar sou eu” (ENTREVISTADA 7 - 04/10/2012).

Verificou-se que os enunciados que institucionalizam o futebol como sendo uma prática dos homens não passam despercebidos pelas entrevistadas, porém, nelas não geram efeitos de verdades.

Através das enunciações é possível observar que algumas mudanças e deslocamentos estão acontecendo, mesmo que por vezes carregada pelo discurso científico.

Mas, o importante em tais mudanças não é se serão rápidas ou de grande amplitude, ou melhor, esta rapidez e esta amplitude são apenas o sinal de outras coisas: uma modificação nas regras de formação dos enunciados que são aceitos como cientificamente verdadeiros. Não é portanto uma mudança de conteúdo (refutação de erros antigos, nascimento de novas verdades), nem tampouco uma alteração da forma teórica (renovação do paradigma, modificação dos conjuntos sistemáticos). O que está em questão é o que *rege* os enunciados e a forma como estes se *regem* entre si para constituir um conjunto de proposições aceitáveis cientificamente e, conseqüentemente, susceptíveis de serem verificadas ou infirmadas por procedimentos científicos. Em suma, problema de regime, de política do enunciado científico. Neste nível não se trata de saber qual é o poder que age do exterior sobre a ciência, mas que efeitos de poder circulam entre os enunciados científicos; qual é seu regime interior de poder; como e por que em certos momentos ele se modifica de forma global (FOUCAULT, 1979, p. 5).

Olhando as enunciações das entrevistadas, elas estão sendo atravessadas por outras noções que as vêm produzindo em outros tempos e espaços. Assim, esse discurso ao longo das décadas está sofrendo deslocamentos, mesmo que, por vezes, ainda sejam enunciados por alguém, pois o discurso científico é utilizado como uma das estratégias, dentre outras (mídia, políticas públicas), que faz com que o futebol seja constituído como uma prática masculina, ou seja, negam a presença das mulheres como praticantes

nesse cenário. Entende-se que foi a partir da produção dos enunciados que esses discursos se produziram/produzem enquanto uma verdade.

Apontamentos finais

Identificou-se que algumas das meninas reconhecem que há alguns enunciados de estranhamento da prática feminina, mas que isso não as produz enquanto praticantes de uma escolinha de iniciação ao futebol. A partir das enunciações produzidas pelas meninas se pode perceber que os enunciados abordados na pesquisa não passam despercebidos por elas, porém, não geram efeitos de verdades, as quais institucionalizam o futebol como sendo uma prática dos homens.

O significado da participação das mulheres relacionadas à prática esportiva vem se alterando ao longo do tempo. A partir dos discursos foi possível identificar hoje que as afirmativas de que o futebol não era para elas (mulheres), por motivos diversos, tais como pelo fato de que sua natureza era frágil, devido a explicações biológicas, estão se borrando.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno Rosa. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa* (Fundação Carlos Chagas), São Paulo (SP), n. 114, 2001, pp. 197-223.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- _____. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- GOELLNER, Silvana V. O esporte e a espetacularização dos corpos femininos. *Labrys estudos feministas*. n. 4, 2003.
- _____. Mulheres e Futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. São Paulo. v. 19, n. 2, 2005, pp. 143-151.
- JAEGER, Angelita. A.. Gênero, mulheres e esporte. *Movimento* (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 12, n. 1, 2006, pp. 199-210.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MOURA, Eriberto Lessa. O futebol como área reservada masculina. In: DAOLIO, J. (Org). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005, pp. 131-147.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. *Futebol e Sociedade: as manifestações da torcida*. (Doutorado em Educação Física), Unicamp, Campinas, 1998.

SILVEIRA, Raquel da. *Esporte, homossexualidade e amizade: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino*. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a Educação*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.